

O “caso Besouchet” ou o lado brasileiro dos “Processos de Moscou” pelo mundo

Dainis Karepovs é Mestre e Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP) e pesquisador-colaborador do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Autor de A classe operária vai ao parlamento: O Bloco Operário e Camponês do Brasil (1924-1930) (São Paulo, Alameda, 2006) e Luta subterrânea, o PCB em 1937-1938 (São Paulo, Hucitec / Editora UNESP, 2003).



A exibição, nos cinemas brasileiros, do filme *Terra e Liberdade*, dirigido por Ken Loach, fez com que o sexagésimo aniversário do início da Guerra Civil Espanhola não passasse em brancas nuvens em terras brasileiras. Buscando inspiração nos relatos de George Orwell (que também lutou na Espanha), o cineasta enfocou, através de um voluntário inglês, David, membro do Partido Comunista da Grã-Bretanha, a Guerra Civil do ponto de vista de uma das correntes da esquerda espanhola, a do Partido Obrero de Unificación Marxista (POUM), em cujas milícias se alistou. Esta abordagem de Loach, por sua vez, trouxe novamente à tona os elementos negativos da atuação do Partido Comunista Espanhol, da Internacional Comunista e da União Soviética, que viram na guerra civil espanhola, como afirmou Fernando Claudín, uma “revolução inoportuna”. Há dez anos atrás, no entanto, um dos brasileiros que lutou na Espanha, Dinarco Reis, classificava este tipo de enfoque como “histórias que têm sido contadas, naturalmente, por anarquistas, por socialistas e por trotskistas, gente que não sabe da história mas gosta de elaborar lendas, não estão baseadas em provas” (Folha de S.Paulo, 13/07/1986:18).

Uma das questões aludidas em *Terra e Liberdade* é a da criação de um Estado dentro do Estado pelo aparato repressivo sob controle dos comunistas. Este processo de ocupação do aparelho de Estado foi de certo modo resultado da combinação

do apoio militar soviético ao Governo Republicano e da necessidade da passagem da organização espontânea das colunas de combate para formas tradicionais de organização militar para fazer frente às tropas franquistas. A assunção ao aparelho de Estado pelos comunistas tem, no entanto, sua missão facilitada por um episódio da conjuntura política: os incidentes ocorridos em Barcelona em meados de 1937, as “jornadas de maio”, também focalizadas pelo filme de Loach, e que foram classificadas como “a agonia final da Revolução” (BROUÉ, 1992:99). Após os episódios de Barcelona, quando ali se enfrentaram de armas nas mãos poumistas e anarquistas contra comunistas, estes acusaram aqueles de liderarem um “complot fascista” e prenderam seus líderes e dissolveram suas colunas militares, além de intentarem um fracassado processo contra o POUM. É justamente a partir de então, com o afastamento do governo dos socialistas ligados a Largo Caballero e dos anarquistas da Confederación Nacional del Trabajo, que começa uma brutal repressão contra os “inimigos internos” da Revolução.

Pouco antes, praticamente no mesmo momento em que se iniciava a guerra civil, na União Soviética iniciaram-se os chamados “Processos de Moscou”. Desencadeados por J. Stalin a partir do pretexto dado pelo assassinato do dirigente do PCUS Serge Kirov, os “Processos de Moscou” serviram para eliminar a chamada “velha guarda bolchevique”. Com isso, Stalin, ao



mesmo tempo em que buscava aterrorizar aqueles que pudessem eventualmente tomar consciência, mesmo que não muito clara, do seu real significado, procurava mostrar às massas que os opositores ao regime não passavam de espíões e assassinos. Para dar verossimilhança “jurídica”, o regime stalinista se valia de “confissões” obtidas por meio de agentes provocadores ou através de torturas físicas e psicológicas.

Mas o regime stalinista, por meio da NKVD (sigla russa para a polícia secreta soviética - Narodnyi Komissariat Vnoutrennik Del), procurou organizar algo semelhante nos países aliados ou dependentes da União Soviética, como a Tchecoslováquia e a Espanha, pois lhe era necessário valer-se das oportunidades que se lhe ofereciam para eliminar, física e politicamente, toda e qualquer organização ou movimento político capaz de constituir-se, em um momento de ascensão do movimento operário na Europa, em uma via alternativa aos PC's. Havia aí uma certa ênfase contra Leon Trotsky e seus partidários. Recorde-se, mais uma vez com Claudín, que na Espanha ocorrera a única revolução na Europa durante a existência da Internacional Comunista, afora a república soviética húngara de 1919 (CLAUDÍN, 1978:168).

Assim, destruir seus inimigos na Espanha foi o que, desde os momentos iniciais da guerra civil, os comunistas buscaram fazer, como nos relata Pierre Broué:

Stalin não dissimula os seus objetivos políticos na Espanha,

dos quais o principal é a destruição das organizações revolucionárias, tendo à frente o POUM, que denunciou com vigor os ‘processos de Moscou’ e proclama que luta sob a bandeira de Lenin. No dia 28 de novembro, o Cônsul-Geral da URSS em Barcelona, o velho revolucionário Antonov-Ovseenko, não hesita em enviar à imprensa uma nota em que denuncia em La Batalla [órgão do POUM, dk] ‘a imprensa vendida ao fascismo internacional’. É sob sua pressão, combinada com a dos stalinistas catalães do PSUC [Partit Socialista Unificat de Catalunya] e da UGT [Unión General de Trabajadores], que o POUM é afastado do governo da Generalitat [da Catalunha, dk] com o consentimento da CNT; depois disso, a Pravda comenta, numa linguagem particularmente ameaçadora, pois ela acompanha de muito perto a execução dos velhos bolcheviques que figuram no primeiro processo de Moscou: ‘Na Catalunha, a eliminação dos trotskistas e dos anarcossindicalistas já começou: ela será conduzida com a mesma energia que na URSS’ [Pravda, 17-12-1936]. (BROUÉ, 1992:93)

Em um discurso proferido em janeiro de 1937, uma das principais lideranças do POUM, Andrés Nin, estabeleceu com clareza qual era o problema:

Somos fiéis à lembrança da Revolução de Outubro, da gloriosa Internacional Comunista, de seus quatro primeiros con-



gressos. Somos contra a ex-Internacional ex-Comunista de agora. É porque lembramos a tradição revolucionária do leninismo que querem nos eliminar aqui como eliminam em Moscou a velha guarda bolchevique.

Entre a campanha de calúnias daqui e a campanha de calúnias de Moscou há uma relação íntima. Destrói-se fisicamente a velha guarda bolchevique. Procura-se nossa destruição física porque somos fiéis à Revolução. (Apud BROUÉ, 1992:154-155)

No entanto, a NKVD revelou-se incapaz, sobretudo pela resistência à tortura para a “confissão”, em criar qualquer “processo” plausível - Andrés Nin e o POUM são o maior exemplo - o que só lhe deixou o caminho da eliminação física dos seus oponentes. Dessa maneira, os que eram considerados inimigos da revolução espanhola - anarquistas, socialistas, trotskistas etc. - eram presos, torturados e, muitas vezes, assassinados em locais clandestinos, as “checas”, que a polícia soviética mantinha na Espanha, sem que houvesse a participação de outras forças republicanas na decisão de executá-los (tanto para os locais das “checas” como para a lista dos principais assassinos e torturadores, ver BROUÉ, 1993. Em especial o capítulo “Gangstérisme et montages judiciaires”). A lista das vítimas é extensa, bastando indicar aqui o nome das principais: o ex-ministro da Justiça da Catalunha Andrés Nin - que teve entre seus

algozes um brasileiro: José Escolí (cujo pseudônimo era Jousik), provavelmente nome falso desse agente da NKVD - e os militantes do POUM Juan Hervas, Jaime Trepát, os trotskistas Erwin Wolf e Hans Freund, o ex-trotskista Kurt Landau, os anarquistas Alfredo Martínez e Camillo Berneri, o social-democrata russo Marc Rein, o professor americano José Robles e o oficial Gaston Delasalle, o ex-deputado alemão Hans Beimler e o ex-deputado italiano Guido Picelli todos estes últimos membros das Brigadas Internacionais.

Dentre as vítimas estava o militar Alberto Bomilcar Besouchet, o primeiro combatente brasileiro a chegar à Espanha para apoiar o governo republicano contra as tropas franquistas.

Nascido em 1912, Alberto era o mais jovem de quatro irmãos. Como ele, seus irmãos, Augusto, Lúcia e Marino, também foram militantes do Partido Comunista do Brasil (PCB). Seus irmãos foram expulsos do partido em razão de suas críticas ao modo irresponsável como se preparou o movimento que resultaria no “putsch” desencadeado pelos comunistas em novembro de 1935, nas cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro. Juntamente com Barreto Leite Filho, autor de uma conhecida carta a Luiz Carlos Prestes, onde estão condensadas tais críticas¹, e Phoebus Gikovate, integravam e eram os principais dirigentes do Setor Sindical do PCB. Tempos depois este grupo se aproximou dos trotskistas brasileiros, então agrupados na



Liga Comunista Internacionalista, e com eles fundaram posteriormente uma nova agremiação, o Partido Operário Leninista.

Alberto, que seguiu a carreira militar paterna, por sua parte, se filiou ao PCB em 1933, quando cursava a Escola Militar. Nas primeiras horas do dia 24 de novembro, o tenente Alberto Besouchet fazia parte do grupo de civis e militares que sublevoou o 29º Batalhão de Caçadores da Vila Militar Floriano Peixoto em Socorro, perto de Recife, e marchou sobre a capital pernambucana. Embora tenha sido ferido em ambas as pernas, Besouchet conseguiu escapar sem ser preso. Chegou ao Rio de Janeiro, onde tentou, na clandestinidade, trabalhar como jornalista nos “Diários Associados”. Em relação com seus irmãos, que já estavam em avançado estado de aproximação com o trotskismo, Alberto Besouchet acaba também tomando contato com as posições defendidas pelos seguidores de Leon Trotsky no Brasil e das críticas destes ao movimento que resultou no “putsch” de novembro de 1935. Esta aproximação não foi suficiente, como confessam os próprios trotskistas, para convencê-lo, embora tenha abalado algumas de suas convicções:

A posição política do comp. Alberto é ainda vacilante, intermediária entre a linha de colaboração de classes da I.C. e a linha proletária revolucionária dos bolcheviques-leninistas partidários da 4ª Internacional. Acredita ainda esse comp. na possibilidade de regeneração da I.C.. (A Luta de Classe. [Rio de Janeiro], nº 33, nov. 1936. p.5)

Mas o desencadeamento da Guerra Civil Espanhola, com o início da formação das Brigadas Internacionais, que se organizaram a partir de outubro de 1936, o fará decidir-se a colocar em favor dos revolucionários espanhóis seu conhecimento e experiência militares, aderindo ao que foi chamada de a “última das grandes cruzadas” (BROME, [1965]:13). Antes de partir para a Espanha, no entanto, Besouchet decidiu redigir uma carta aberta aos seus camaradas de PCB, cujas conseqüências lhe serão fatais. Nela Alberto, despedindo-se de seus companheiros presos pelo ditador Vargas, os exortava a prosseguir na luta por um regime mais justo e humano, ao mesmo tempo em que ele estaria dando a mesma contribuição em terras espanholas. Enfim, o texto em si é apenas um chamado à luta. Besouchet tentou, no entanto, fazer com que o PCB o difundisse, mas, sabedores de suas relações com os trotskistas, os comunistas recusaram-se a fazê-lo. No único testemunho existente sobre este episódio, os trotskistas assim o narram, dando sua interpretação para os fatos:

Ao embarcar para a Espanha, o comp. Alberto entregou à direção do P.C.B. o apelo que acima publicamos. Os burocratas stalinistas sem fazer chegar o apelo aos destinatários, devolveram-no, classificando o comp. Alberto de ‘canalha’, ‘safado’ e outros adjetivos de seu fértil repertório de insultos. Motivou o ódio dos burocratas o fato do comp. Alberto, inge-



nuamente, pensando estar num partido comunistas, ter usado expressões como ‘Espanha Soviética’, ‘Revolução Proletária Mundial’, ‘burguesia internacional’ e outras usadas agora somente pelos ‘trotskistas contra-revolucionários’. (A Luta de Classe. [Rio de Janeiro], nº 33, nov. 1936. p.5)

A carta acabou sendo publicada no órgão oficial da Liga Comunista Internacionalista, A Luta de Classe, em sua edição de novembro de 1936, com o agravante de que ali se informava que parte dos recursos que o permitiram deslocar-se até a Espanha foram obtidos pelos próprios trotskistas. Para os comunistas este fato foi o prova de sua adesão às fileiras trotskistas, embora estes, por sua vez, afirmassem na apresentação à carta o contrário, caracterizando Besouchet, como vimos, de “vacilante”.

Embora formalmente o PCB o tenha enviado, a seu pedido, para a Espanha, Besouchet saiu do Brasil com uma carta de recomendação assinada por Mario Pedrosa, uma das principais lideranças trotskistas do Brasil, e dirigida a Andrés Nin, do POUM. Partiu para Buenos Aires, passando pelo Uruguai, embarcando, com um passaporte cubano, em nome de Ernesto Torres, e junto com um grupo de voluntários alemães, para Antuérpia, onde chega em dezembro de 1936. Seguiu para Paris, onde permaneceu dois dias, e daí para Perpignan, por onde entra de barco na Espanha em fevereiro de 1937.

Ao mesmo tempo em que Besouchet pisou na Espanha, chegou ao conhecimento do PC espanhol um relatório confidencial, datado de 24 de janeiro de 1937, e enviado de Valência pela militante do Socorro Vermelho Internacional Maria (pseudônimo da agente da NKVD Tina Modotti, que também ocupou o cargo de adjunta do responsável de contra-espionagem no quartel general das Brigadas Internacionais em Albacete). Tina Modotti recebera em Paris, pouco antes de voltar à Espanha, um comunicado do PCB, no qual o partido brasileiro aludia ao episódio da carta aberta:

O tenente Alberto Besouchet encontra-se atualmente na Espanha. Depois de sua saída do Brasil descobriu-se que Besouchet passou para o trotskismo. Ele deixou uma prova que é uma verdadeira provocação contra a revolução de libertação nacional e também urge notificar todos os camaradas a fim de que não o permitam utilizar o nome do Partido Comunista do Brasil.

Besouchet chegou à Espanha já estigmatizado como trotskista. Na Espanha, Besouchet restabelece sua verdadeira identidade e integra-se às Brigadas Internacionais, depois de ter procurado Andrés Nin, dirigente do POUM, partido também estigmatizado como trotskista, sem que na verdade o fosse, pois existia uma organização formalmente ligada a Trotsky e o próprio POUM não fazia questão de esconder suas diferenças



com Leon Trotsky. O fato é que Besouchet foi cumprir seus propósitos: lutou nas frentes de Aragón, Andujar, Carabanchel, Córdoba e Sevilha. Foi ferido na batalha de Guadalajara, em uma das pernas, por um estilhaço de granada. Quando desapareceu já havia sido promovido a coronel e integrava o Estado-Maior do general Miaja.

Na verdade este método inquisitorial de que Besouchet foi vítima quando de sua chegada à Espanha era usual. Walter Krivitsky, um ex-agente da NKVD, relata em suas memórias que ao mesmo tempo em que um voluntário se oferecia para integrar as Brigadas Internacionais, ele era submetido a uma investigação da NKVD sobre seus antecedentes políticos (KRIVITSKY, 1941:113).

Tal procedimento resultava em sérios problemas para aqueles que passaram a chegar à Espanha depois dos acontecimentos em Barcelona de maio de 1937. Assim se passou, por exemplo, com dois estrangeiros que foram expulsos do Brasil: o barbeiro judeu polonês Ejber Bajnerman e o bancário alemão Ernest Joske. Presos em São Paulo após o “putsch” de novembro de 1935 por sua atuação, ambos militavam nos seus respectivos sindicatos, foram expulsos e embarcados pelo governo brasileiro aos seus países de origem em junho de 1936. Depois de conseguirem fugir antes de chegar ao seu destino, dirigem-se a Paris para se engajarem nas Brigadas Internacio-

nais. Chegam na Espanha em fins de maio de 1937. Em 8 de agosto o Partido Comunista Francês comunica ao seu congêneres espanhol, além de fornecer o endereço de Joske em Albacete, a seguinte nota por aquele recebida:

Nós lhes pedimos para fazer o necessário para ajudar todos os camaradas brasileiros, exceto Bajnerman e Joske, a respeito dos quais se fazem algumas reservas, dado que outrora foram ativos trotskistas, e mesmo que eles tenham reconhecido seus erros, apesar de tudo eles desejaram ir para o México, o que demonstra que não renunciaram à sua posição.

Joske parece ter conseguido desfazer as suspeitas sobre ele existentes, pois há, entre a documentação sobre os brigadistas brasileiros existente nos arquivos da Internacional Comunista em Moscou, um relatório de princípios de 1938 - o que indica ter passado incólume - ao Comissariado de Guerra das Brigadas Internacionais, sediado em Barcelona, por ele preenchido, traçando sua passagem pelas Brigadas e indicando sua disposição de ir para o Chile ou México. Isto já não ocorre com Bajnerman, sobre quem não há nenhum outro documento posterior a agosto de 1937, e Besouchet, a respeito do qual há um informe de 15 de janeiro de 1939, assinado por E.M. Elliott, reproduzindo informação do major Costa Leite, dando conta de que ele, além de ter tido relações com trotskistas, teria sido morto nos acontecimentos de maio de 1937 em Barcelona.



Há também o caso de Goffredo Rosini (Jesi (Ancona), 23-3-1899 - 1937?). Este professor de filosofia e jornalista, próximo de Antonio Gramsci, era um dos dirigentes “inter-regionais” do Partido Comunista da Itália. Depois de ser preso em 1926, fuge para a França, onde viveu três anos e meio, onde se destacou nas manifestações contra a condenação de Sacco e Vanzetti realizadas em Paris. Logo depois foi para o Brasil, onde chegou em 1929, e pouco depois acaba aderindo à Liga Comunista Internacionalista em São Paulo. Nesta organização, dada sua experiência de luta contra o regime de Mussolini, foi um dos principais instigadores da realização de uma frente única contra os integralistas, que então prenunciavam ser uma potente versão fascista brasileira. Preso em 7 de março de 1934, tem sua expulsão decretada em 21 de maio e dirigiu-se para o Uruguai, de onde se partiu para a Espanha. Estava em Barcelona no início da Guerra Civil e participou dos combates de rua contra os franquistas e depois no front de Aragón, onde foi ferido. Em sua convalescença, tem um caso amoroso com uma enfermeira de origem russa. Ao sair do hospital, encontrou-se com a enfermeira e nunca mais reapareceu. Seus camaradas do Brasil foram informados de que Rosini teria sido seqüestrado e levado à URSS, onde foi fuzilado. Informações providas dos arquivos do Ministério das Relações Exteriores da Itália dão conta de que um indivíduo portando o passaporte de Goffredo Rosini veio

para o Brasil. Um agente da KGB? Provavelmente, mas o fato é que este suposto Rosini jamais procurou, nesta segunda estada, pelos seus antigos camaradas brasileiros.

Com respeito a Besouchet, no entanto, não há informações conclusivas a respeito da data de sua morte, embora não mais pairam dúvidas sobre sua autoria estar vinculada aos comunistas. A família Besouchet chegou a receber informações de que Alberto teria sido fuzilado durante a retirada final de Barcelona da Brigadas Internacionais (em outubro de 1938), juntamente com anarquistas e trotskistas ali presos. (Folha de S.Paulo, 13/07/1986:18).

Entre os documentos existentes em seu prontuário nos arquivos de Moscou há uma carta que nos permite especular sobre se sua morte não teria ocorrido depois de maio de 1937. Nos referimos a uma carta de Castro a Jack, datada de Paris em 24/09/1937. Castro era o pseudônimo do membro do Bureau Político do PCB Honório de Freitas Guimarães, também conhecido como Martins, que estava em Paris aguardando visto de entrada para Moscou. Além da caligrafia, outro elemento serviu para se identificar “Castro”: Guimarães fora educado na Inglaterra, em Eton, e a carta está escrita em inglês, o que então não era usual nas fileiras comunistas brasileiras, que usualmente se comunicavam com a IC ou as outras seções em castelhano ou francês. Aliás, não é ocioso recordar aqui que Guimarães parti-



cupou do julgamento e execução de Elza Fernandes, companheira do então secretário geral do PCB, Adalberto Fernandes, o Miranda. (Quanto a Jack, não foi possível estabelecer sua identidade - talvez seja o norte-americano Jack que fazia parte do centro de recrutamento das Brigadas Internacionais em Paris a que se refere Charlotte Haldane em suas memórias (apud BROME, [1965]:42), ou então, de acordo com hipótese formulada pela pesquisadora francesa Patricia Albers - que está pesquisando a vida de Tina Modotti - o companheiro de Tina, o italiano Vittorio Vidali.)

Nesta missiva foi feito um relato do episódio da carta aberta publicada em A Luta de Classe, que foi aí classificada como sendo “esquerdista”. Guimarães também informa que os comunistas uruguaios foram alertados que o irmão de Alberto, o bancário Augusto transformara-se então em um dos principais líderes do trotskismo brasileiro e que portanto deveriam observar o militar brasileiro e ajudá-lo a superar suas tendências “esquerdistas”. Apesar disso, afirmava Guimarães, ele manteve correspondência com seus irmãos trotskistas e a prova disso era a carta aberta. Mas Guimarães dava mais informações a Jack:

Além disso, soube que ele se corresponde aqui em Paris com a aventureira de nome Elsie Houston, atualmente divorciada do trotskista Benjamin Péret, e cunhada do líder trotskista Mario Pedrosa, de São Paulo, no Brasil.

Com esta citação Guimarães fechava o círculo: discurso esquerdista - relações com os irmãos trotskistas - a carta aberta - correspondência com uma cantora brasileira divorciada de um poeta francês, surrealista e trotskista, e cunhada de um dirigente trotskista brasileiro. E supostas evidências transformavam-se assim em provas. Aliás, o mesmo tipo de raciocínio que está embutido no informe de A. M. Elliott (“relações com trotskistas, portanto, morto”)

Logo, era preciso que, como dirigente do PCB, Guimarães propusesse encaminhamentos:

Sugiro que medidas sejam tomadas para controlar suas atividades e, se nada mais sério for encontrado, que nossos camaradas espanhóis o façam entender que ele deve cortar todas relações com gente que está do outro lado da barricada. Seria muito bom se ele fosse levado a escrever declarações contra o trotskismo e as posições de seus irmãos, que poderíamos publicar em nossa imprensa.

Este parágrafo nos permite indagar se àquela altura Besouchet não se encontrava preso em alguma “checa” e se a carta de Guimarães não seria um elemento para compor uma ata de acusação contra Besouchet, já que as informações ali escritas a seu respeito haviam sido solicitadas por Jack, após este as ter recebido verbalmente. Se esta hipótese se verificar, a carta de Guimarães pode ser considerada uma sentença de morte



para Besouchet.

O que não podemos duvidar é que, se houve oportunidade, se buscou, de um lado, fazer ver a Besouchet que ele deveria cortar relações com os trotskistas e, de outro, extrair declarações suas contra os trotskistas, como se tentou também fazer com diversos outros que tiveram o mesmo fim. E, da mesma maneira como ocorrera com estes, nada pôde ser extraído de Besouchet.

Se nada ainda pôde ser obtido mais concretamente a respeito da exata forma de eliminação física de Besouchet, os elementos aqui apresentados mostram as pegadas de seus assassinos e os métodos pelos quais, acobertados pelo aparelho de Estado espanhol e exportando métodos utilizados em território soviético, puderam realizar seu crime.

Bibliografia

- BROME, Vincent. **A batalha das Brigadas Internacionais (Espanha 1936-1939)**. Lisboa, Livros do Brasil, [1965].
- BROUÉ, Pierre. *A não-intervenção da URSS na Espanha* (jul.-set. 1936). **O Olho da História**. Salvador, nº 2, jun. 1996.
- _____. **A revolução espanhola (1931-1939)**. São Paulo, Perspectiva, 1992.
- _____. **Staline et la révolution: le cas espagnol**. Paris, Fayard, 1993.
- CLAUDÍN, Fernando. *La crisis del movimiento comunista*. Vol. 1: **De la Komintern al Kominform**. 2ª ed. Barcelona, Ruedo Ibérico/Ibérica, 1978.
- KRIVITSKY, Walter. **Agente de Staline**. Porto, Educação Nacional, 1941.
- REVOL, René. *Procès de Moscou en Espagne*. In : **Cahiers Leon Trotsky**. Grenoble, nº 3, jul.-set. 1979.
- RODRIGUES, Pedro. *Brasileiros na Espanha*. In: **Temas de Ciências Humanas**. São Paulo, nº 9, 1980.
- TAVARES, José Nilo (org.). **Novembro de 1935 meio século depois**. Petrópolis, Vozes, 1985.

